

m

Preenchendo as lacunas da crítica: *A água e as pulsões em O Lustre*, de Clarice Lispector, de Mariângela Alonso

Eduardo Neves Silva

Universidade de São Paulo, Brasil

<http://orcid.org/0000-0001-8941-8494>

Comemora-se em 2020 o centenário de nascimento de Clarice Lispector. Sua literatura continua a despertar a atenção de pesquisadores devotados à tarefa de ampliar a compreensão do conjunto de sua obra. A empreitada tem franqueado algumas entradas bem-sucedidas no campo da crítica literária, possibilitando avanços e visões mais precisas. Em consequência, “verdades” cristalizadas têm sido revistas e submetidas a novas interpretações. Esta é justamente a tarefa a que se propõe o mais recente livro de Mariângela Alonso, intitulado *A água e as pulsões em O lustre*, publicado pela Editora Appris no início de 2019 e prefaciado por Yudith Rosenbaum.

Dando continuidade aos seus estudos da obra clariciana, iniciados há vinte e quatro anos, com resultados apresentados anteriormente nos volumes *Instantes líricos de revelação: a narrativa poética em Clarice Lispector* (2013) e *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector* (2017), ambos publicados pela Editora Annablume, a pesquisadora agora se volta a uma esfera igualmente promissora de investigação ao eleger a interface da Literatura com a Psicanálise. Em *A água e as pulsões em O lustre*, fruto de seu pós-doutoramento realizado na Universidade de São Paulo, Mariângela Alonso abre uma importante via de comunicação com a fortuna crítica de Clarice Lispector, e o faz de modo original. Ao recuperar ensaios escritos em 1946, no calor do lançamento de *O lustre*, segundo romance de Clarice, Alonso busca reavaliar o lugar que essa obra ocupa no horizonte ficcional da escritora a partir da discussão do motivo da água, elemento fulcral da narrativa, apreendido em sua ambivalência de sentidos. Essencial à trama, a água surge como aspecto estruturador dos movimentos pulsionais de vida e morte presentes no itinerário da personagem Virgínia, já que atravessa vertiginosamente todo o enredo, desde a cena inicial, construída através da sugestão de um afogamento, o pacto e o segredo dos irmãos, até a morte trágica da protagonista. Nesse sentido, Alonso efetua a atualização e reavaliação de

opiniões críticas emitidas desde 1946, trazendo uma discussão mais completa e aprofundada especialmente no que tange à concepção de escrita fluida, visão perpetuada em torno do referido romance. A estudiosa procura livrar *O lustre* de apontamentos e amarras que ironicamente acabaram por criar uma espécie de imagem “congelada” da obra, para fazer valer aqui a metáfora da água, a qual gerou leituras e análises pautadas numa aparente fluidez poética, ligando-a inconsequentemente aos traços da protagonista Virgínia. Assim, a pesquisadora mostra que tal “fluidez” se desenvolve na obra clariciana em questão de forma negativa e truncada, na medida em que descreve o fracasso de Virgínia em relação ao comando de sua própria vida. Tal escrita surge por meio de tensões oriundas da própria linguagem e é continuamente acentuada pela interioridade conflitiva da personagem. O efeito é uma estética de deformação, cujo excesso pulsional invade o enredo de *O lustre*, deixando-o à deriva.

Tendo como base a teoria psicanalítica das pulsões, Alonso busca apresentar não somente significados isolados para a narrativa de Clarice Lispector, mas um sentido para o todo. As pulsões freudianas de vida e morte, Eros (vida, ligação) e Thanatos (morte, rompimento) são operacionalizadas de modo a revelar em *O lustre* o caráter oscilante e plurivalente das águas, seja como reunião e confluência ou disjunção e morte. A pesquisadora atenta para o movimento conjunto de Eros e Thanatos, cujas forças são estabelecidas pelo conflito e conciliação constantes, dispondo o ser humano num campo de resistências incontrolláveis. Ao lado da vertente psicanalítica, a ensaísta também mobiliza o diálogo com a arqueologia dos símbolos de Gaston Bachelard. Destarte, o resultado é uma leitura sensível e atenta, que percorre o “psiquismo hídrico”, discutindo de forma bastante aguda as imagens substanciais da água, no que estas têm de profundidade, mistério e vertigem. Para exemplificarmos, basta seguirmos a argumentação a respeito da presença do chafariz, mencionado durante a infância e maturidade de Virgínia. Já adulta, quando retorna ao casarão da família, em Granja Quieta, ela o encontra seco, refletindo a secura e o vazio que emanam, por sua vez, de sua própria interioridade. Observa Alonso:

Símbolo da dualidade, a água pode representar o perene movimento da vida de Virgínia, bem como sua estagnação e opacidade. A água aí assume um lugar de passagem ou travessia, que atua como ponto de navegação da personagem em torno de si mesma e de deslocamento da infância à maturidade. (ALONSO, 2019, p. 114)

Dividido em três capítulos, a saber, “Vozes da crítica em torno de *O lustre*”, “No fluir das águas e das pulsões” e “*O lustre*: afrescos de união e desagregação”, o estudo costura cada uma de suas partes, reportando-se cuidadosamente ao levantamento bibliográfico e ao exame das posições críticas convencionais relativas ao segundo romance.

O primeiro capítulo envereda por uma rigorosa listagem da fortuna crítica de *O lustre*, realizado pela pesquisadora no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. A pesquisa percorreu artigos e ensaios esquecidos pela crítica contemporânea, os quais foram escritos em 1946, ano de lançamento do livro até a atualidade, objetivando a análise e avaliação da recepção e do lugar de *O lustre* na ficção clariciana. Para levar a termo a proposta, Alonso elabora um diálogo sempre ativo com os clássicos ensaios de Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza, além da recuperação de artigos quase nunca considerados pelos críticos.

Essa mirada resgata um vasto painel que, em consequência, alarga a fortuna crítica, ao focar um conjunto de textos escritos em periódicos de diversas localidades do país, os quais revelam posicionamentos diversos. É o caso dos ensaios de Maurício Vasques, Reynaldo Moura, Luiz Delgado, entre outros. Tal exame tem como objetivo se contrapor a alguns pontos cegos da crítica em relação a caracteres essenciais da literatura clariciana, os quais foram vistos como falhas, a saber, as imprecisões temporais e espaciais ligadas à ausência de personagens, como pontuado por Álvaro Lins; a repetição como elemento enfraquecedor do enredo, na leitura de Sérgio Milliet e os qualificativos empregados em excesso, na visão de Gilda de Mello e Souza. Tais leituras eram comuns à crítica da época, que de modo categórico sempre levava em consideração *Perto do coração selvagem* e o modelo joyciano de linguagem. Longe de serem imperfeições de estilo e escrita, esses aspectos são imanentes à fatura do romance e definidores de boa parte da ficção clariciana. É o que mostra Alonso ao analisar ensaios ainda pouco estudados, como o de Maurício Vasques. Na contramão da crítica obtusa, Vasques afirma, em texto para o jornal *Dom Casmurro*, em abril de 1946, que a força de *O lustre* estaria justamente na subversão de regras linguísticas ao conciliar qualidades antagônicas no discurso, recursos que fazem do romance uma obra promissora.

No segundo capítulo Alonso incursiona por outras obras de Clarice Lispector, de modo a oferecer olhares em perspectiva à investigação de *Perto do coração selvagem*, romance que antecede *O lustre* e aos que o sucedem, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.*, entre outras narrativas. Sobressai o viés crítico inquiridor, que procura desvelar as imagens aquáticas em sua ambivalência, pinçadas da estrutura superficial ou profunda dos textos em questão.

O último capítulo dedica-se ao exame de *O lustre*, tomando o motivo da água como elemento estruturador dos movimentos pulsionais de vida e morte na trajetória de Virgínia, sempre inadaptada ao campo e à cidade. Como nos mostra Alonso, o discurso apresenta-se fragmentário e elíptico, incompleto e lacunar, de modo a propagar no texto um jogo que tensiona a liquidez deformante da água, cujo signo liga-se a imagens grotescas, propiciando a convivência entre vida e morte, fluxo e corte, claridade e sombreamento, Eros e Thanatos. Justificam-se os aspectos de inacabamento e dissipação presentes na caracterização de Virgínia, bem como a ausência de meios de demarcação de sentido. Daí a água revela-se como recurso inesgotável, demarcador do ritmo e do movimento da escrita. Como desordem produtiva, calcada no rastro das pulsões, a escrita transmite, portanto, a descontinuidade e o inenarrável.

Da gama discursiva vária que perpassa *O lustre*, depreende-se um sujeito perfazendo o caminho de seu autoconhecimento. A propósito, cabe mencionarmos um dos pontos altos do estudo de Alonso, qual seja a análise das cenas que traduzem o trabalho de Virgínia com as figuras de barro, processo que reflete a regressão da personagem às formas e aos universos pulsionais, na medida em que manipula conteúdos latentes de sua interioridade: “Virgínia cavava com os dedos aquela terra pálida e lavada [...] O rio em pequenos gestos molhava-lhe os pés descalços e ela mexia os dedos miúdos com excitação e clareza” (LISPECTOR, 1999, p. 44). Como artesã de si mesma Virgínia procura modelar e organizar a matéria caótica e disruptiva por meio do barro. Conforme Alonso: “O amálgama da água com a terra gera a massa e constitui, para além de qualquer impressão estética, o acúmulo de ambivalências” (2019, p. 120). Nesse exercício, resta

à personagem atingir territórios fronteiros e disjuntivos, os quais se apresentam ambíguos em ordem, desordem, inércia e movimentação, Eros e Thanatos. Portanto, o retorno às formas de barro liga-se ao esforço e tentativa de compreensão da personagem para algo que transcende a linguagem e o conhecimento.

Pela análise exaustiva de seu *corpus*, pode-se afirmar que este livro de Mariângela Alonso possibilita uma compreensão mais precisa e fecunda em torno do romance *O lustre*. A união de Literatura e Psicanálise assume a tarefa de preencher lacunas deixadas pela crítica na avaliação de *O lustre* e faz deste estudo leitura obrigatória para a avaliação do conjunto da obra singular de Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mariângela. *A água e as pulsões em O lustre, de Clarice Lispector*. Curitiba: Appris, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.